

## EXTREMISMO POLÍTICO NAS REDES SOCIAIS E A INFLUÊNCIA DOS ALGORITMOS E DA SOLIDÃO MASCULINA

Artur G. Souza

Pietro S. Zambaldi

*Curso de Ciências da Computação*

*Centro Universitário FEI*

Palavras-chave: inteligência artificial, redes sociais, polarização política, radicalização ideológica, direita radical

O extremismo político, intensificado pela popularização das mídias digitais, consolidou-se como um paradigma tendencioso que afeta negativamente os usuários de forma contínua. Esse fenômeno reforça ideais de extrema-direita que ameaçam a integridade de etnias, da produção científica e de grupos minoritários.

No entanto, compreender essa dinâmica exige ir além da superfície ideológica, sendo fundamental analisar como os algoritmos e a inteligência artificial (IA) moldam a experiência digital e contribuem para processos de radicalização. As plataformas de redes sociais — projetadas para maximizar engajamento — utilizam grandes volumes de dados para prever comportamentos e oferecer conteúdos altamente personalizados. Essa personalização, embora útil comercialmente, cria câmaras de eco que potencializam discursos extremistas e reforçam visões de mundo polarizadas (Fisher, 2023).

Paralelamente, observa-se um fenômeno social preocupante: o crescimento das comunidades *redpill* e *anti-woke*, compostas em sua maioria por homens jovens em situação de solidão emocional, que encontram nesses espaços um falso sentimento de pertencimento e identidade (Cluger, 2025). Assim, o extremismo político nas redes sociais emerge da intersecção entre tecnologia, vulnerabilidade emocional e manipulação ideológica.

Além do impacto simbólico e discursivo, a difusão de ideologias misóginas nesses espaços digitais apresenta reflexos concretos na realidade social. As narrativas promovidas por comunidades *redpill* frequentemente deslegitimam a autonomia feminina, naturalizam relações de poder desiguais e relativizam práticas de agressão, criando um ambiente propício à normalização da violência contra a mulher. Esse processo contribui para

a construção de uma cultura digital que reforça estereótipos de gênero e incentiva comportamentos hostis direcionados às mulheres.

Dados do DataSenado evidenciam que a violência doméstica e familiar contra a mulher permanece como um problema estrutural no Brasil, afetando diferentes faixas etárias e contextos sociais (Brasil, 2023). Embora esses dados não possam ser atribuídos exclusivamente à atuação de comunidades digitais extremistas, a convergência entre discursos misóginos *online* e práticas violentas no mundo *offline* revela uma relação preocupante entre radicalização ideológica e comportamentos sociais concretos. Assim, o ambiente digital deixa de ser apenas um espaço de circulação de ideias e passa a influenciar diretamente a reprodução de violências de gênero.

Os algoritmos das redes sociais operam com base em sistemas de aprendizado de máquina, coletando e analisando dados de cada interação — curtidas, comentários, tempo de visualização e até padrões de navegação. Segundo Fisher (2023), essas informações são processadas por modelos de IA que buscam manter o usuário engajado pelo maior tempo possível. O problema é que o engajamento tende a ser maior diante de conteúdos que despertam emoções intensas, como raiva, medo ou indignação. Assim, sem uma intenção ideológica explícita, os algoritmos acabam recomendando conteúdos cada vez mais radicais, pois são os que mais “prendem” a atenção.

Estudos indicam que essa lógica resulta em um ciclo de retroalimentação ideológica: quanto mais determinado tipo de conteúdo político é consumido, mais o sistema oferece publicações semelhantes, reforçando a visão de mundo do indivíduo e reduzindo sua exposição a perspectivas divergentes (Egler; Pereira, 2024). Nesse contexto, a inteligência artificial atua como uma curadoria invisível, marcada não por posicionamento político, mas pela otimização matemática do engajamento.

Arão (2025) descreve esse fenômeno como a “caixa de Pandora digital”, na qual a IA e os algoritmos, ao mesmo tempo que conectam pessoas, abrem espaço para a expansão de discursos de ódio e de negação científica. O uso estratégico de *bots* e perfis automatizados amplifica artificialmente essas narrativas, criando a ilusão de consenso e validando ideias extremistas perante grupos vulneráveis.

Embora os algoritmos desempenhem um papel técnico central na radicalização, fatores humanos e emocionais também tornam certos grupos mais suscetíveis à manipulação digital. Conforme aponta Cluger (2025), as comunidades *redpill* e *anti-woke* se estruturam em torno da insatisfação e da solidão de homens jovens, frequentemente marcados por sentimentos de rejeição, fracasso social e isolamento emocional. Nesses espaços, discursos

de ódio e misoginia são apresentados como formas de “libertação” e de reafirmação da masculinidade, funcionando como um refúgio psicológico diante das frustrações cotidianas.

O recrutamento nesses grupos é altamente eficaz porque explora lacunas emocionais com o suporte da tecnologia. Plataformas como YouTube e TikTok, por exemplo, utilizam sistemas de recomendação baseados em IA que, ao detectar padrões de interesse relacionados à masculinidade ou autoajuda, começam a sugerir gradualmente conteúdos mais extremistas. O usuário passa, quase sem perceber, de vídeos motivacionais para discursos misóginos ou antidemocráticos.

Segundo a pesquisa *Social Media and Political Extremism* (Virginia Commonwealth University, 2023), essa transição é típica dos mecanismos de radicalização digital: a IA identifica gatilhos psicológicos — como solidão, insegurança e busca por pertencimento — e responde oferecendo narrativas simples e emocionalmente carregadas. Em pouco tempo, o indivíduo se vê imerso em uma bolha ideológica que reforça sua visão de mundo e o distancia de perspectivas empáticas ou críticas.

Egler e Pereira (2024) afirmam que essas redes tecnopolíticas de extrema-direita utilizam estratégias coordenadas de comunicação para capturar essas vulnerabilidades, convertendo o sofrimento individual em combustível político. Assim, a solidão deixa de ser apenas um fenômeno pessoal e passa a ser um vetor de manipulação em massa.

A combinação entre tecnologia algorítmica, inteligência artificial e fragilidade emocional gera efeitos profundos na sociedade. O extremismo digital não apenas reforça discursos intolerantes, mas também enfraquece as bases da cidadania democrática, promovendo desinformação e desconfiança nas instituições.

Arão (2025) alerta que esse processo leva a uma erosão silenciosa da democracia: à medida que as pessoas passam a se informar exclusivamente por fontes digitais filtradas por IA, a esfera pública se fragmenta em pequenos nichos ideológicos. O debate racional é substituído por narrativas afetivas e conspiratórias, e o espaço de diálogo comum se perde.

O extremismo político nas redes sociais é um fenômeno complexo que resulta da convergência entre tecnologia avançada, interesses econômicos e vulnerabilidades humanas. Os algoritmos e a inteligência artificial, criados para maximizar atenção e lucro, acabam por favorecer a radicalização e a polarização, não por ideologia, mas por eficiência algorítmica.

Ao mesmo tempo, a solidão e o isolamento — especialmente entre homens jovens — tornam-se brechas emocionais exploradas por comunidades extremistas que oferecem uma sensação ilusória de

pertencimento. Assim, o problema ultrapassa o campo político: trata-se de uma questão de saúde mental, ética tecnológica e responsabilidade social. Enfrentar esse cenário exige ações coordenadas: regulação das plataformas, transparência algorítmica, educação digital e políticas públicas voltadas ao bem-estar emocional. Somente com uma abordagem integrada será possível construir uma internet que promova cidadania, empatia e pensamento crítico — em vez de manipulação e extremismo.

## Referências

ARÃO, Cristian. A Caixa de Pandora da extrema direita: como as redes sociais contribuem para o enfraquecimento da democracia. Porto Alegre: **Veritas**, v. 70, n. 1, 2025. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/46759>. Acesso em: 13 set. 2025.

BRASIL. Senado Federal. **DataSenado: Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília, 2023. Disponível em: [https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/paineis\\_dados/#/?pesquisa=violencia\\_domestica\\_familiar](https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/paineis_dados/#/?pesquisa=violencia_domestica_familiar). Acesso em: 16 dez. 2025.

CLUGER, Ergon. Como comunidades redpill e anti-woke capturam jovens para redes de ódio. **Jornal da USP**, 02 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/como-comunidades-redpill-e-anti-woke-capturam-jovens-para-redes-de-odio/>. Acesso em: 13 set. 2025.

EGLER, Tamara T. C.; PEREIRA, Thiago C. Rede tecnopolítica de extrema direita e democracia no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências da Computação**, v. 47, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/pJzZhkRzJhYWZNW1rRLtZ4rx/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2025.

FISHER, Max. **A máquina do caos**: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

VIRGINIA COMMONWEALTH UNIVERSITY. **Social Media and Political Extremism**. Richmond: Virginia Commonwealth University, 2023. Disponível em: <https://onlinewilder.vcu.edu/blog/political-extremism/>. Acesso em: 13 set. 2025.